

Notas e Recensões

moral (p.157), a homologia entre o Boto (de pele rósea quando golfinho, homem branco quando gente) e o *outsider* fascinante, incompreensível, rico e perigoso. Mas fui sobretudo cativada pela análise levada a cabo no último capítulo (“Transformation and Disenchantment”) em que, sem medo de pôr em causa as suas interpretações anteriores, Candace Slater examina o declínio da presença do Boto entre as pessoas que vão sendo assimiladas pelos ritmos da tecnologia urbana, a qual não tolera tais crenças antiquadas. Este declínio faz com que, de branco e *outsider*, o Boto passe *também* a ser o símbolo de raízes perdidas, de um passado afundado. O seu estatuto parece tornar-se, pois, duplamente ambíguo, porque “dolphins are increasingly a symbol of resistance to the very sort of domination they traditionally have embodied”⁵ (p. 231). É arrojada a proposta de expor esta contradição, ela própria uma característica destes dançarinos da mente que “defy all dichotomies and, ultimately, all established order”⁶ (p. 254). “Voláteis” em relação a qualquer tentativa de classificação, “their resistance to definition constitutes a safeguard against domination”⁷ (p. 254).

Em resumo — foram, sem dúvida, ouvidas com o coração estas vozes marginais que contaram lendas de golfinhos encantados. O que me parece, sem dúvida, um bom caminho para começar a entender tais histórias. Encontram-se elas, aliás, transcritas no original português num valioso apêndice, o qual é seguido e complementado por um útil glossário de brasileirismos.

MARINA WARNER, *FROM THE BEAST TO THE BLONDE: ON FAIRYTALES AND THEIR TELLERS*, LONDRES, CHATTO & WINDUS, 1994, 458 pp.

Isabel Cardigos*

Marina Warner é uma das figuras femininas mais fascinantes da cena inglesa contemporânea, tão conhecida pelos seus romances como pela vasta obra ensaística. Foi sua a voz que, em 1994, ficou consagrada ao pronunciar o prestigioso ciclo das “Reith Lectures” na BBC, seis palestras publicadas ainda nesse ano com o título *Managing Monster: Six Myths of Our Time* (Londres, Vintage).

Tive o gosto de a conhecer no decurso do seu trabalho de pesquisa cujo fruto veio a ser o estudo em epígrafe — uma apaixonada jornada que contagiou todos os que,

⁵ “Os golfinhos tornam-se cada vez mais um símbolo da resistência ao próprio domínio que tradicionalmente representaram”.

⁶ “Desafiam todas as dicotomias e, em última análise, toda a ordem estabelecida”

⁷ “A sua resistência a serem definidos constitui uma salvaguarda contra a dominação”

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.

de um modo ou doutro, passaram na órbita dos seus múltiplos saberes. Logo após uma conferência sua na Folklore Society de Londres, abordei Marina Warner ainda no estrado aonde estava a ser cumprimentada e, dando apenas como credenciais a gestação de um doutoramento, fruto do meu amor por contos de fadas, propus-lhe vir fazer uma palestra ao Departamento de Estudos Portugueses de King's College da Universidade de Londres. Com a maior naturalidade, aceitou. A esperança de que eu pudesse ajudá-la a decifrar uma pintura que decorava uma arca renascentista levou-a — durante o *tea and biscuits* dessa palestra em King's College— a convidar-me a ir a sua casa, onde passámos uma deliciosa tarde de convívio, ao sabor de curiosidades satisfeitas e logo desdobradas — muito no espírito do *gossip*, esse falar entre mulheres que o seu livro resgata do menosprezo a que, por masculina tradição, fora votado. A troca de experiências, de histórias, de saberes foi, sem dúvida, desigual. Foi-me mais útil, essa tarde, de que muitas outras de aturado estudo nas bibliotecas de Londres. E... não pude, afinal, elucidá-la sobre a versão exacta do conto que a pintura da tal arca ilustrava. Mas ficámos amigas: “in the fellowship of the fairytale”, como aparece, por sua mão, no meu exemplar de *From the Beast to the Blonde*.

Entretanto, saiu, em 1992, o seu romance *Indigo* (um seriíssimo divertimento glosando *The Tempest* de Shakespeare). A sua gama de interesses florescia e frutificava, vertiginosamente. Continuava a dar aulas de literatura numa universidade holandesa, onde aproveitava para seguir o rasto de umas obscuras santas medievais... Pouco tempo depois, as suas Reith Lectures discorriam sobre as inquietantes apetências das crianças de hoje por jogos de computador... Estando eu já na Universidade do Algarve, chegou-me notícia de um seu outro romance, publicado entretanto (*The Mermaids in the Basement*). Em 1994, saiu *From the Beast to the Blonde*, fruto de uma longa e apurada investigação sobre o assunto que me tinha aproximado dela, os contos maravilhosos.

Esta obra tem uma exuberância e uma riqueza que desafiam o recenseador incauto: uma caverna de Aladino, deslumbrante de brilhos que, se folheado e aberto ao acaso, nos confunde: passamos da Mother Goose para Santa Ana e as Sibilas, destas para as *précieuses* e para a rainha de Sabá, Angela Carter, Jean Cocteau, Walt Disney, *O Piano*, tudo isto antes de entrarmos na matéria propriamente dos contos, em que não espanta que ao Barba Azul se sigam histórias de incesto, e o disfarce da *Princesa Pele de Burro* desemboque no silêncio das sereias. Damo-nos depois conta de que esta floração se liberta a partir de uma estrutura seguríssima. Exuberante, sim, a aparente leveza e liberdade com que os assuntos fluem e se ramificam, para serem subtilmente reconduzidos aos seus fios condutores. O livro é realmente uma festa para que o leitor é convidado, a mais brilhante e erudita reinvidicação do *gossip* que me foi dada ler. Se perdemos o fio à meada, é porque resistimos a entrar nessa festa de saberes e nos falta o pé para a dança, tão bem orquestrada pela autora à imagem do assunto que ela versa: a profunda sabedoria da mulher nos seus múltiplos disfarces, sistematicamente neutralizada ao longo dos tempos pelo saber oficial como palradora inconsequente e, no fundo, temida.

Marina Warner afirma logo à partida que “a mudança de forma (*‘shape-shifting’*) é uma das maravilhas características e dominantes dos contos de fadas” (p. xv); e, de facto, “o assunto principal do livro” é a validação da metamorfose como meio de “refazer o mundo à imagem do desejo” (p. xii). Um assunto que, nos meandros de um contínuo divagar, a obra reflecte, deliciosamente, na sua forma. O divagar é aparente: prende-se a uma estrutura e a propostas bem sólidas.

Notas e Recensões

O livro está, *grosso modo*, dividido em duas partes, que definem o objectivo do trabalho: as narradoras e os contos. Por um lado, não se trata do conto tradicional, anónimo, mas sim dos contos que chegaram até nós com as marcas individuais de autor e época, provenientes, sem dúvida, da tradição oral, mas intencionalmente reelaborados; contos cultos, portanto. Não é pois de admirar que a parte de leão caiba às *précieuses* do Século das Luzes (Mme d'Aulnoy, Mme de Beaumont, Mlle de Villeneuve, etc.), que reivindicam a voz feminina singularizando-a, *civilizando-a*. Quando não são assinados por mulheres, são remetidos (muitas vezes por contraste) para a voz feminina, que, sob as suas múltiplas formas, nos é dado ouvir. Essa voz imemorial e oculta é exaustivamente estudada através dos indícios que dela nos chegaram, filtrados por outras vozes, testemunhos muitas vezes distorcidos, desdenhosos ou irados. Para nos fazer ouvir essa voz mediada, Marina Warner recorre aos mais variados instrumentos —históricos, antropológicos, sociológicos—, mediante uma observação atenta e inspirada de textos e imagens. A sua inteligente sensibilidade para as artes visuais justifica plenamente a riqueza de ilustrações do livro (cerca de 200), necessárias como indícios que a sua voz interpreta, decorativas por acréscimo.

Para ouvir a voz feminina antes que houvesse mulheres que a afirmassem na palavra escrita, somos, pois, conduzidos a lê-la e a vê-la refractada nas opiniões e nos mitos dos homens. Assim, seguimos, por exemplo, o subterrâneo itinerário das Sibilas, o seu apogeu de profetisas, o seu declínio e mutações; seguimos, entre outros, um complexo itinerário de gansos nos indícios que deles nos deixaram as encruzilhadas de histórias da Rainha de Sabá e de Berthe au Grand Pied (que confluem, noutra perspectiva, com percursos como o de Helena, mãe do Imperador Constantino) e vêm a emergir, séculos mais tarde, domesticados, na *Mère l'Oie*; vemos como as *old wives*, alcoviteiras, debochadas e detentoras de saberes proibidos, se dignificam ao matizar-se com a figura de Santa Ana, progenitora e mestra; como as vozes marginais ou silenciadas ressurgem com outras formas, outros nomes, se refinam e apuram nos *salons* do séc. XVIII, reclamando embora a sua ligação solidária com a voz humilde das velhas amas e adaptando os contos destas como armas de combate.

A primeira metade do livro termina com uma comovente homenagem a Angela Carter (há pouco tempo falecida), genial iconoclasta que, quando os recria, desperta ressonâncias insuspeitas em contos como o *Capuchinho Vermelho*, *A Bela e o Monstro* ou o *Barba Azul*.

Sobre os contos propriamente ditos versa a segunda parte. Marina Warner evita, saudavelmente, interpretações essencialistas. Fiel ao seu propósito, opta por abordar os contos na medida em que reflectem a circunstância específica de quem os conta. Presenciamos como eles se transformam, proteicos, ao transportar as mensagens do momento, obedecendo assim à sua natureza fulcral — a metamorfose. É uma longa e fascinante caminhada, que nos leva, por exemplo, da história de *Cupido e Psique* ao guião (de autoria feminino) de *Beauty and the Beast* de Walt Disney. Uma longa caminhada que, de um modo mais abrangente e por outras vias, percorre a luta de afirmação da voz feminina, desde o *gossip* atribuído às tradicionais *old wives* contadoras de histórias, à mordaza imposta ao cantar das sereias, ao silêncio da "Sereiazinha" de Andersen e desta, mais uma vez, à vivacidade irreverente de Angela Carter. Ao descobrir e interpretar tantos falares, Marina Warner aparece-nos como uma outra Sibila, desvendando as vozes do passado e indicando, com uma verve sábia e risonha, a possibilidade de outros futuros.

Um dos disfarces deste livro é a leveza aparente com que ele discorre sobre uma infinidade de temas de fazer perder o fôlego. A erudição do discurso corre fluida, sem interrupções de notas de rodapé. Estas estão todas discretamente arrumadas em apêndice, para os mais curiosos. A obra pode, pois, ler-se como um romance policial, em que os indícios nos conduzem aos vários timbres da voz feminina dos contos de fadas. Os extensos índices de autores e narradores complementam este magnífico trabalho e fazem dele —não só mas também— uma valiosa obra de referência para os estudos femininos e, evidentemente, para o estudo do conto maravilhoso.

ALGO DE NOVO NA FRENTE ORIENTAL

Dias Marques*

A recolha do Romanceiro começou cedo na Beira Interior¹, e os textos aí obtidos desfrutavam de grande consideração. De facto, Almeida Garrett, ao referir-se, em 1843, à colecção beirã que lhe fora oferecida pelo seu antigo colega Emídio Costa, classificava “as duas Beiras” como “verdadeiro coração e âmago do Portugal primitivo que ocupa a região dentre Lamego e Serra da Estrela”². E, sendo assim, não admira que, em 1851, diga, na nota introdutória ao *Regresso do Marido*: “No corrigir do texto segui, como faço quase sempre, a lição da Beira Baixa, que é a mais segura”³.

Também Teófilo Braga formava um alto conceito da tradição oral beirã e, em 1871, afirmava: “os centros da verdadeira poesia popular portuguesa são a Beira Baixa, as Ilhas dos Açores e [o] Algarve”⁴. E, numa obra publicada no ano seguinte, depois de citar vários romances de que, na Beira Interior, recolhera melhores textos do que nas restantes províncias⁵, dizia: “o que verdadeiramente assombra é o estado de integridade d’estas versões”⁶.

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 FARO. Portugal.

¹ Com esta expressão referimo-nos, obviamente, às províncias da Beira Alta e Beira Baixa.

² *Romanceiro*, org. de Augusto da Costa Dias *et al.*, I, Lisboa, Editorial Estampa, 1983, p. 68.

³ *Op. cit.*, II, p. 80.

⁴ *Epopêas da Raça Mosárabe*, Porto, Imprensa Portuguesa — Editora, 1871, p. 375.

⁵ Ver *Theoria da Historia da Litteratura Portuguesa*, Porto, Imprensa Portuguesa, Editora, 1872, p. 37.

⁶ *Op. cit.*, p. 38.